
Um drama em 15 minutos

Juana Manuela Gorriti¹

Em uma tarde tranquila de maio, mar calmo e vento em popa, o veleiro bergantim Alcião deixava as floridas costas de Corfu e, surcando nas encantadas águas jônicas, dirigia seu rumo ao Ocidente.

Tripulavam-no doze homens, ao comando do capitão Brunel, antigo oficial da marinha francesa, enérgico e decidido militar, curtido pelo sol dos trópicos, resistente às tempestades e profundamente temperado ao calor de cem combates nas guerras do Império.

A catástrofe de Waterloo² e a traição de Belerofonte³ atiraram-no na terra, vencido, mas não humilhado. Sim, porque não podendo suportar a presença de exércitos estrangeiros no seio da França, impondo-a leis e soberanos, afastou-se dela e foi pedir à pátria de Aristides, essa terra clássica das gloriosas recordações, consolo para sua pena.

E a fé ele encontrou no amor de uma grega, bela como Aspásia, que se uniu ao seu destino e deu-lhe horas de uma felicidade desconhecida até então na sua vida tempestuosa de marinheiro.

Mas, oh!, a felicidade é fugaz como um céu de verão e a do capitão Brunel foi de curta duração. A bela grega morreu dando a luz a uma menina que ele acolheu como a sua única esperança.

¹Tradução de Lisiane Ferreira de Lima, graduanda de Letras Português e Espanhol, pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Texto original disponível em <<http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/771008236/1/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

²A Batalha de Waterloo marcou a derrota final de Napoleão em 18 de junho de 1815.

³Personagem da mitologia grega, Belerofonte - nesse conto - refere-se a Luís XVIII (1755-1824), que comandou a França, sob jugo dos ingleses.

E consagrou-lhe sua vida, dedicou a ela um duro e incessante trabalho, de modo que em poucos anos fez uma fortuna considerável, consistindo em uma chácara localizada nesta ilha encantadora, onde o poeta estabeleceu a morada de Calipso, vastas hortas e jardins e um encantador bergantim, misto entre mercante e guerreiro, que surcava os mares rindo dos piratas através das troneiras de quatro bons canhões e recolhendo, para seu dono, iguais quantidades de cequi⁴.

Quando a queda dos Bourbons afastou da França os inimigos do Império derrotado com seu César, Brunel sentiu o desejo de voltar à pátria.

Organizou seus negócios comerciais, vendeu sua chácara, partiu para Marselha, seu país natal, com os porões de seu navio cheios de valiosas mercadorias.

Mas o capitão Brunel carregava consigo um objeto mais valioso que o veleiro e seu rico carregamento.

Sua filha.

Elena possuía tanto a beleza acadêmica da Ática, como a graça irresistível da França. Silenciosa e encostada sobre as almofadas de seu divã, assemelhava-se a Vênus de Praxíteles. Falava e a Provença sorria entre os longos cílios de seus olhos negros e nos graciosos contornos de sua boca.

Soberana na casa paterna, vivia feliz, dividindo o seu culto entre a Nossa Senhora da Guarda e a Santa Panagia, o seu amor, entre seu pai e um galhardo jovem com quem, desde a enseada até a sacada, tinha construído, com uma trilha de sinais, uma deliciosa telegrafia.

Assim, ainda que amasse a sua linda pátria, abandonava-a sem pena, porque lá, sob as brancas velas do Alcião, Renato a aguardava.

Aguardava-a impaciente, pois o capitão Brunel havia adiado sua união até a sua volta à França.

⁴Moeda antiga de ouro.

– Enfim! – Exclamou Renato, em um arrebatamento de gozo, estendendo a mão a sua noiva para recebê-la a bordo.

– Enfim! – Acreditou ouvir Elena, como um eco fatídico entre o grupo de marinheiros que a rodeavam.

E teve medo.

Mas a voz alegre de seu pai dissipou sua penosa emoção.

– Tenente, exclamou, pondo a mão de sua filha na de Renato, eis aqui tua esposa. Mirais além daquelas douradas nuvens que velam o horizonte: atrás delas está a França. Em seu amado rio, sob a calorosa região do Midi, fica uma cidade de brancas cúpulas e de aspecto oriental: Marselha.

Lá, rodeada por jardins, à sombra de duas palmeiras, uma misteriosa casinha está dizendo aos recém-casados: Habitai-me!

E apertou, em um só abraço, os dois amantes!

– Enquanto isso – acrescentou com entusiasmo – o convés do Alcião já é o solo da pátria. Viva a França! Abraçai-me, filhos meus! E tu, Demétrio, meu valente piloto, deixa por um momento esse ar sombrio e dê a mão à minha filha. Por que tu foges dela? Parece que a detestas. Sempre te vi assim, esquivo e tímido em sua presença.

O estranho personagem a quem o capitão dirigia-se aproximou-se de Elena, que sentiu pesar sobre ela um olhar fulminante....

E sentada sozinha na cabine, enquanto Renato e seu pai ocupavam-se da manobra, ainda pensava sobre a expressão, ao mesmo tempo feroz e ambiciosa, daquele olhar e, por mais que rechaçasse como pueril aquela preocupação, um vago terror apoderava-se de seu ânimo.

A noite havia fechado, e o passadiço do Alcião estava deserto. Dois homens velavam sozinhos: um no timão e outro no castelo de proa. Profundo silêncio, o silêncio

solene do mar reinava em torno. No entanto, da escotilha iluminada da cabine do capitão, elevavam-se, de vez em quando, rumores de vozes que vinham a interrompê-lo.

E assim passaram as horas.

O homem do timão consultou de repente seu relógio e, deixando o leme, foi para o castelo de proa. Aproximou-se do homem que ali velava e disse:

– É chegada a hora, disse suavemente. E, deslizando-se como uma sombra, desceu à cabine, onde as pessoas dormiam, e abriu uma lanterna surda que carregava consigo.

No mesmo instante, de cada rede, saltou um homem armado:

– Bem!, exclamou Demétrio, que, iluminado pela luz avermelhada da lanterna, tinha um aspecto feroz – Bem, camaradas, estejam prontos. Levantem-se, pois, e vamos. Para vós, as riquezas; para mim, esta mulher que jurei fazer minha a partir do momento em que a vi. Por ela, abandonei a bela Urca de sombrias velas, o terror do Arquipélago; por ela, disfarçado sob vestimenta de marinheiro calabrês, manuseio o leme desta porcaria, esperando o dia em que devia trazê-la a nosso bordo. Vós me obedeceis com o miserável nome de Demétrio Dandini: que fareis quando eu diga a vós que sou Cernínio de Lesbos, o chefe de todos os piratas que espumam os mares desde Chipre até Sardenha?

A esse nome formidável, aqueles homens empalideceram. Mais ou menos piratas todos eles, nenhum, no entanto, conhecia senão de nome o terrível corsário tão temido nas costas do Oriente.

Dobrado um joelho e com as fronte inclinadas, levaram a mão ao coração em sinal de homenagem.

O corsário apagou sua lanterna e, seguido de seus bandidos, ganhou a escada, chegou ao passadiço e dirigiu-se à cabine onde o capitão, sua filha e Renato, sentados à mesa, começavam a degustar uma ceia composta de frutas e deliciosos vinhos.

– Pai – disse Elena, sem poder dominar a estranha inquietude que, apesar de si, invadia seu ânimo – por que enchestes teu barco de gregos?

– São bons marinheiros, filha minha. O ilhéu do arquipélago é forte e sofrido no rude trabalho do mar. Além do mais, a culpa não é a minha. Demétrio substituiu pelos gregos, um a um, os pobres bretões que a peste me arrebatou.

Ao nome de Demétrio, Elena estremeceu, porque acreditou ver através da escotilha dois olhos de fogo que a contemplavam entre as trevas.

De repente, apertando com temor o braço do capitão:

– Pai! – murmurou ao seu ouvido – escuta. Parece que andam sobre o passadiço.

– Então é o vigia de quarto trocando seu turno.

Renato, que notou a inquietude de sua amada, abriu a porta e, antes que ela pudesse detê-lo, colocou-se em dois saltos sobre o passadiço.

E, nesse momento, soou a detonação de uma arma, escutou-se o rumor de uma luta e, logo, o ruído que produz um corpo ao cair na água.

– Renato!, exclamou a jovem, em tom desesperado, lançando-se para a porta.

Mas, ao mesmo tempo, fechou-a uma mão vigorosa, e o capitão, ébrio de raiva, sentiu que colocavam uma barra de ferro e parafusos, deixando-o encerrado e em completa inação. Olhou em torno, como uma fera acurralada, e, não encontrando saída, armou-se de uma pistola, tomou em seus braços a sua filha, que estava prostrada no chão quase exangue, sentou-a em uma bergère, colocou-se ao seu lado e esperou.

No mesmo instante, o grupo de rebeldes cercou a escotilha.

– Capitão!, gritou uma voz, estás em nossas mãos e nada pode te salvar. O tenente caiu na água lutando, sabes com quem? Com Cernínio de Lesbos, que dará boa conta dele. Recobra a razão, entrega-nos tua filha e o itinerário do Alcião, toma um bote e larga-te, que não queremos te matar.

Enquanto o bandido falava, o semblante do capitão iluminava-se gradualmente com as sinistras sombras de um gozo lúgubre.

– Acabastes?, gritou.

– Sim e esperamos.

– Pois, escutai, são oito horas e cinquenta minutos. Se, às nove, não descerem por esta escotilha quinze fuzis, outros tantos punhais e machados e trinta pistolas, o Alcião com tudo o que leva consigo haverá saltado, pelo menos, meia milha acima do nível do mar.

E, unindo à voz a ação, abriu o alçapão que fechava a santa-bárbara, colocada ao pé de sua cama, tomou um bota-fogo e acendeu-o, tomou na outra mão o seu relógio aberto, desceu o primeiro degrau do terrível depósito e gritou:

– Vai um....! Vão dois!... Vão três!...

Estranhos murmúrios ouviram-se no alto; deliberações desesperadas, gritos de raiva, de temor. Imprecações, blasfêmias!

E o capitão de pé, sobre a santa-bárbara, com o bota-fogo ardendo em uma mão, o relógio na outra e o rosto radiante de uma serenidade terrível, gritava com o tom inexorável do destino:

– Quatro!.... Cinco! ... Seis!

E a superfície de um grande espelho, colocado na cabine, permitia aos bandidos vê-lo naquela atitude e a temerosa chama da mecha que descia cada vez mais sob o alçapão:

– Quatro!... Cinco! ... Seis!

Ao escutar este algarismo de terrível proximidade, uma dispersão geral efetuou-se no passadiço e, em seguida, o chão da cabine encheu-se de armas que caíam uma a uma do topo da escotilha.

O capitão contou-as com sublime sangue-frio e gritou, quando passou, por suas mãos, a última pistola:

– Porta aberta e todos em seus postos!

A porta abriu-se e Renato, pálido e com os vestidos decompostos destilando água, precipitou-se para dentro da cabine:

– Elena!, exclamou.

– Está aí!, disse-lhe o capitão. Ela desmaiou. Deixe-a assim e vá retornar a ordem perdida acima. O que aconteceu contigo quando te separaste de nós?

– Demétrio recebeu-me com um tiro, lutei com ele, caímos ambos na água e meu punhal foi mais afortunado que o seu....

– Meu Deus!, exclamou Elena, voltando a si de repente. Renato está morto? O meu pai executou, acaso, o seu terrível desígnio?

– Dormiste, filha minha, ao fazermos as honras da ceia, mas nós, como galantes cavalheiros, velamos teu sono, resguardando-nos de tocar esses deliciosos manjares.

– É possível!, exclamou a jovem, levando as mãos ao seu rosto. Como pode alguém sonhar assim com as vivas cores da realidade? Oh, Eu vi Renato, lutando com um terrível bandido, cair na água, debater-se e sucumbir sob seus golpes. A ti, meu pai, ali de pé, sobre a porta aberta da santa-bárbara, com uma mecha acesa em uma mão e o relógio na outra, contando os minutos que nos separavam da morte. E eu, presa a uma profunda angústia, Nossa Senhora da Guarda! – exclamei – conserva-me meu pai e meu esposo e, se me permitires pôr o pé no solo desta pátria que vou buscar, meus primeiros passos serão direcionados ao teu sagrado templo. Ah, o que foi isso? Delírio? Realidade?

– Um pesadelo, filha milha, disse-lhe o capitão, que horas eram ao começar a ceia?

– Oito horas e quarenta e cinco minutos, pai.

– Dormiste um quarto de hora. São nove horas. Ceemos.....

.....

Em uma manhã esplêndida de junho, três viajantes desembarcavam de um bergantim de brancas velas, no cais de Marselha.

Era um ancião de bigode grisalho e um porte militar, um homem jovem e bonito e uma belíssima menina, que realçava suas graças com o pitoresco traje das filhas da Grécia.

– Por aqui, tenente, sigamos esta alameda de acácias, que conduz ao sagrado monte.

– Onde me levas, pai?

– Ao Santuário de Nossa Senhora da Guarda. Lembra-te que fizeste um voto.

– Sim, naquele horrível pesadelo.

– Esse pesadelo, Elena, foi uma realidade.

Fim.